

O diálogo entre as obras dessa exposição fundamenta-se em um processo no qual há o imperativo e o acidente ou, recuando para termos conhecidos pelo Iluminismo, a necessidade e o acaso ou ainda, se quiserem, o determinado e o indeterminado pela vontade. O resultado plástico nas ações, nos desenhos, nas fotos, nas esculturas, e seu processo, contrariam a tendência à busca do espetáculo e sublinham uma dimensão original do desenho como suporte e conceito.

Hoje o desenho possui uma autonomia que lhe dá o mesmo estatuto da pintura, gravura, instalação, performance, foto ou vídeo. O desenho tem uma vida própria e independente, está longe do seu passado subordinado e dependente como preparação a uma obra final, como projeto, seja uma pintura, seja uma escultura. A substância da autonomia conquistada pelo desenho se encontra ali onde alguma coisa se traça e se materializa, não apenas na questão da linha - no sentido tradicional do desenho - nem tampouco no sentido que uma parcela dos artistas contemporâneos têm adotado largamente, quando toda vez que pintam sobre o papel, chamam isso de desenho, e aquilo pode ser considerado pintura sobre papel. Contudo, no caso desses 6 artistas, há o sentido maior de desenhar, de traçar algum caminho, traçar alguma coisa. Desenhar pode ser um acidente, e quando não o é, ele pode vir a materializar essa ação como é o caso, por exemplo, da obra de Túlio Pinto. Mesmo estático, a ação impressa no desenho nos revela a vontade que o objeto/escultura realiza na prática. A imagem de um acidente também surge agora na obra de Gabriel Netto. Em uma paisagem fragmentada sob um suporte – madeira – que é índice da natureza, o desenho nos revela de que maneira ele pode surgir e se reinventar.

O fato desses artistas participarem de um mesmo coletivo – Atelier Subterrânea – faz com que seus trabalhos de uma forma desordenada troquem influências e reverberações, e por conseguinte novas instâncias e apropriações acerca do desenho tornam-se aparentes. A obra de Zortéa possui algo cruel e áspero, veloz e intransigente. São todas características do mundo caótico e violento em que vivemos, por sua vez, habitado por diferenças e conturbações. Suas representações não são silenciosas, e é nessa apreensão que percebemos a qualidade da sua obra, ou seja, sua principal vocação ao ser fabricada é dirigir o olhar e percepção justamente para o que ocorre no mundo. Por outro lado, a suavidade e a delicadeza com a qual a obra de Lilian Maus opera faz com que a linha não seja ressaltada – graficamente - de uma forma majestosa; ela mantém uma discrição ou silêncio, ao mesmo tempo em que não nega de forma alguma o seu vínculo primordial como estrutura de pensamento daquela obra. E no diálogo entre bidimensionalidade e escultura, assistimos o “volume do desenho” ganhar forma. Situação semelhante (o desenho ganhando o espaço, como se suas linhas ganhassem autonomia e quisessem se libertar) acontece com os desenhos de Guilherme Dable.

O desenho pode ser ambíguo, forma de revelação e ocultamento, criação de fábulas e determinação de uma realidade. Ele também pode fazer com que duvidemos daquilo que está diante de nós. É por esse caminho que as obras de Adauany Zimovski trilham. Ao se apropriar

de livros antigos de geografia e história e interferir em suas “paisagens”, a artista inventa um lugar e deixar atentar para o que é mais importante: o efeito escorregadio do ato de ver em tempos como o nosso. Já em *Dos ombros dos gigantes* (2010) de Dable, o desenho aparece como uma prática da fratura e da reinvenção. A escolha dos fragmentos do texto compõem um desenho que não é apenas forma mas viabilidade de aparição de uma nova escrita. Forma e texto tensionam a objetividade de suas origens, compondo uma escrita e desenhos únicos – um servindo-se do outro -, recombinaos e espacializados como um acidente orquestrado.

Os 6 artistas são exemplos de uma produção capaz de dialogar intensamente com o mundo, mas que não o faz de forma ilustrativa, mas sim permeada por um trabalho na linguagem, ou seja, atravessada pela capacidade poética intrínseca à arte.